

Trocas violentas:

O USO DAS ARMAS PEQUENAS EM CONFLITOS

Quais são os fatores que afetam as escolhas de pessoas, em relação aos armamentos a serem usados e aos alvos a serem acertados? Este capítulo examina dois conjuntos de fatores que são cruciais para o entendimento de como grupos de atores armados usam as suas armas, e como as autoridades podem desenvolver políticas que limitem as formas mais destrutivas de uso de armas pequenas. Os fatores são:

- os tipos de armas disponíveis para grupos armados (estatais e não estatais); e
- os tipos de objetivos adotados por cada grupo.

A primeira categoria considera como potencialmente fortes, os controles materiais sobre aonde as armas podem ser usadas, e para quais propósitos. Fatores que influenciam a disponibilidade são essenciais neste caso. Esses fatores incluem questões como: o tamanho, o peso, o poder de fogo das armas; e também o clima, a topografia, e a questão de infraestrutura, que condicionam os movimentos dessas armas e os custos da sua aquisição.

A segunda categoria leva em conta os impedimentos sociais ou a compreensão dos limites aceitáveis na escala da violência armada. Esses fatores são organizacionais.

O capítulo conclui que o conhecimento sobre estes dois conjuntos de fatores pode criar impedimentos, que restringiriam as piores formas de uso de armas. Estes são esforços direcionados para:

- Primeiro, focar nas armas mais destrutivas, particularmente nos programas de desarmamento, desmobilização e reintegração (DDR).
- Controlar de maneira mais eficaz a produção e a transferência de armas leves baratas, para regiões propensas a conflitos.
- Intensificar o controle de estoques, para assim prevenir o acesso rápido aos tipos de armas mais destrutivas.
- Aumentar os esforços para reduzir a proliferação geral de armas, a nível local e regional, pois as armas que mais comumente estão disponíveis são aquelas que mais são usadas.
- Analisar detalhadamente as metas dos grupos, a estrutura de comando e controle, como também o acesso a recursos, antes de introduzir medidas restritivas.



Uma criança em frente a uma parede cravejada por buracos de balas, o legado dos 26 anos de guerra civil em Angola. Kuito, Angola, março de 2000.

Controles sobre a disponibilidade

Fortes controles materiais condicionam o como, onde e quais armas são usadas. Situações como a de 2003 na Monrovia, Libéria, quando morteiros foram usados para bombardear a capital, ou conflitos como os da Geórgia (1991/93) e das Ilhas Salomon (1997-2000), ilustram que a disponibilidade tem um efeito poderoso no uso das armas. Pelo simples fato de que as armas de mais fácil acesso – porque são mais baratas, mais leves e pequenas o

suficiente para serem transportadas, ou mesmo porque têm mais aceitação, ou somente porque são mais abundantes nas localidades dos conflitos naquele momento – são as que mais são usadas.

Box 7.2 Disponibilidade e efeitos das armas: Abkhazia e Sul da Ossétia, 1989 -93

Fase	Datas	Armas	Operações	Efeitos
1	1989-91	Muito uso de espingardas, assim como pistolas e fuzis roubados de delegacias da polícia	Operações relâmpago de retaliação, conduzidas por um pequeno grupo de homens	Seqüestros, mortes isoladas e deslocamentos forçados, resultando em cerca de 100 a 200 mortes. Outros deslocamentos em escala menor, devido à destruição de alguns poucos vilarejos.
↓		↓	↓	↓
2	1991-93	Grande quantidade de armas pequenas e armas leves, incluindo fuzis militares, anti-tanques, morteiros, além de armas pesadas	Cerco (de cidades) e ação militar de uma larga escala, envolvendo um número significativo de tropas organizadas e equipadas. Ação baseada em tomada de território.	Quantidade massiva de danos na infra-estrutura, e a destruição de centenas de vilarejos e cidades. No mínimo, nove mil pessoas mortas e mais de 300 mil deslocadas.

Fonte: Demetriou (2002, pp. 25-29)

Se armas explosivas como lançadores de granada com propulsão a foguetes (RPGs) e morteiros estão facilmente disponíveis, o seu uso, com frequência, causa morte e destruição que fica fora do controle de quem usa essas armas.

As ramificações do poder de fogo podem ser gerenciadas pelo controle da produção de certos tipos de armas, como também pelo controle de transferência e estoques deste armamento. A preocupação sobre a proliferação geral das armas pequenas, muitas vezes, esconde a necessidade de focar primeiro nas armas mais destrutivas. Iniciativas para reduzir a oferta de armas, que incluem coleta de armas e destruição, deveriam concentrar-se inicialmente naquelas de maior potencial para destruir vidas de maneira rápida e massiva, e de gerar devastação de infra-estrutura, como morteiros, RPGs e lançadores de granadas.

A violência nunca é aleatória, mas intencional.

Controles Sociais

A violência nunca é aleatória, mas intencional. Os tipos de armas disponíveis para os combatentes influenciam em como serão, e quais serão os seus efeitos, se elas são usadas individualmente ou em grupo. Pois são eles mesmos, os grupos ou indivíduos, os responsáveis pelo direcionamento do uso violento dessas armas, em alvos selecionados.

O que diferencia a utilização de armas pequenas e leves por grupos, da utilização delas em ações individuais de violência esporádica? São os modelos claros que podem ser identificados, na forma em que os grupos – e não indivíduos – usam seu armamento. Por outro lado, indivíduos armados têm similaridades, que indivíduos desarmados não têm, porque as armas redefinem a percepção do ‘eu’ e do ‘outro’. A grande motivação dos membros de um grupo é continuar a fazer parte do ‘clube’: indivíduos em um grupo tentam fazer com que seu comportamento encaixe dentro de certos parâmetros, que são aceitos por outros membros do grupo.

Muitos grupos armados – estatais ou não estatais – têm potencial para controlar o uso de armas pelos seus membros. Contudo, a capacidade de controle varia de acordo com as metas e os objetivos do grupo, a base de recrutamento, as exigências de apoio popular, e o grau de visão e do controle que os comandantes desejam ou são capazes de exercer. Os grupos que têm um projeto político de longo prazo são capazes de supervisionar seus membros e de ter um maior controle no uso de suas armas. Os grupos que têm objetivos de curto prazo, como roubos e saques, com frequência, têm uma estrutura pequena, além de controle e comando mínimos; estes dão pouca atenção ao monitoramento das atividades de seus membros. (Veja a Tabela 7.3).

Para poder criar incentivos, para que os combatentes entreguem as armas pequenas e leves, é essencial entender os benefícios da paz, no contexto dos benefícios dos conflitos. Em grupos que têm membros que lutam por alguma meta a longo prazo, é mais provável que os

Tabela 7.3 Monitoramento forte e fraco

	Alto monitoramento interno	Baixo monitoramento interno
Alto monitoramento externo	Grupos altamente organizados, frequentemente com fortes conexões internacionais, como as Forças Armadas Britânicas, Hezbollah ou LTTE	Grupos armados organizados dentro de uma visão internacionalmente opaca, como as milícias de direita da Colômbia e talvez alguns agrupamentos de segurança privada no Afeganistão.
Baixo monitoramento externo	Grupos armados organizados com poucas ligações com o entorno, como as entidades rebeldes em Mali ou as facções de tráfico de drogas no Rio de Janeiro.	Grupos armados com um pequeno sistema de organização formal e poucas conexões externas, como elementos armados em Serra Leoa ou nas Ilhas Solomon

Nota: Tabela derivada do trabalho de Policzer (2002).

combatentes procurem evitar o uso de armas pequenas e leves, que causam uma ruptura com a população local. Membros deste tipo de grupos também podem querer desistir das armas para assegurar os benefícios da paz. Frequentemente, grupos com estruturas de comando e controle que são fracas ou fragmentadas, são incapazes de se comprometer com qualquer tipo de acordo, ou de garantir que seus membros venham a aderir às medidas propostas. Antes de estudarem os fenômenos mais complexos, os pesquisadores precisam procurar responder algumas questões básicas sobre um conflito armado. Por exemplo: reduzir a proliferação nos arredores imediatos do conflito vai coibir o uso de armas por um grupo, ou esse grupo poderá conseguir as armas em outros lugares? A provisão de certos tipos de armamento alteraria dramaticamente o conflito, e, se afirmativo, quem forneceria essas armas? Um grupo de atores armados, que procuram alcançar alguma meta no curto prazo, responderia bem a um programa de desarmamento, desmobilização e reintegração (DDR)? Um embargo seria a solução mais apropriada ou eficiente para deter um conflito violento, em um país que já está saturado por armas? Cortar o fluxo de armas para um país, faria com que as forças policiais ficassem dependentes de estoques existentes de armamentos militares inadequados?

O capítulo conclui que, analisando várias combinações de disponibilidade e fatores organizacionais, pode-se adquirir um melhor entendimento sobre a capacidade de um grupo armado para se envolver na violência armada, e sobre os seus alvos em potencial. Essa melhor compreensão pode então revelar um número de opções para limitar as conseqüências mais destrutivas dos conflitos armadas.